



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9532 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT22 - Educação Ambiental

EDUCADORES/AS AMBIENTAIS EM PESQUISAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE  
DOCENTES DE BIOLOGIA E DE GEOGRAFIA: UM OBJETO EM CONSTRUÇÃO

Marlécio Maknamara - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Agência e/ou Instituição Financiadora: PROPESQ/UFPB

### **EDUCADORES/AS AMBIENTAIS EM PESQUISAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE DOCENTES DE BIOLOGIA E DE GEOGRAFIA: UM OBJETO EM CONSTRUÇÃO**

#### **Resumo**

Uma infinidade de artefatos dirigidos a docentes tem sugerido, argumentado e demandado possibilidades de relação entre educação ambiental e as disciplinas de Biologia e de Geografia. Toda a movimentação em torno dessas possibilidades enseja a hipótese de que práticas de formação docente para tais disciplinas seriam instâncias privilegiadas de ver e de dizer a constituição de educadores/as ambientais. Mas onde está o/a educador/a ambiental no sujeito que se forma para ensinar Biologia ou Geografia? O objetivo do presente trabalho é esboçar conceitos e procedimentos para rastrear indícios da constituição de educadores/as ambientais em narrativas de pesquisa-formação docente em Biologia e Geografia. Para tanto, discutem-se modos de acessar e de problematizar pesquisas (auto)biográficas de docentes de Biologia e de Geografia no sentido da construção de um objeto de estudo em torno da constituição de educadores/as ambientais. Os resultados explicitam conceitos tomados como promissores para esquadrihar, mediante problematização das experiências de si, as narrativas (auto)biográficas oriundas do material empírico. Conclui-se que um conceito aberto e generoso de EA desafia o reconhecer educadores/as ambientais em construção nas narrativas, enquanto cuidados éticos são requeridos para o prosseguimento desse tipo de pesquisa.

**Palavras-chave:** Educadores/as ambientais. Formação docente. Biologia. Geografia.

#### **Introdução**

Por mais que já se tenha insistido que a educação ambiental não é propriedade de nenhuma disciplina, ainda circula, com bastante facilidade, a ideia de que Ciências, Biologia e Geografia seriam "habitats naturais" da EA. Teses, dissertações, artigos científicos, sites e uma infinidade de outros artefatos dirigidos a docentes prosseguem sugerindo,

argumentando, demandando que essa relação seria imediata, inequívoca, intrínseca ou até mesmo natural. Eu também já fui capturado, de alguma forma, por essa teia de significações em torno das relações entre certas disciplinas escolares e educação ambiental e hoje estou aqui para perguntar: onde está o/a educador/a ambiental no sujeito que se forma para ensinar Biologia ou Geografia? Ao considerar toda a movimentação em torno dessas possibilidades de relações entre EA e Biologia e Geografia (áreas de minha formação inicial), a hipótese seria a de que práticas de formação docente para essas disciplinas escolares seriam instâncias privilegiadas de ver e de dizer a constituição de educadores/as ambientais. Será?

Interessado nos rastros de indivíduos passíveis de se reconhecerem e/ou de serem reconhecidos como sujeitos educadores/as ambientais, assumo o território existencial do “dissenso como potência criadora” na EA, no sentido de uma disposição para “pensar, provocar, ranger, rachar as verdades estabelecidas, os modos comuns e a sua reprodução” (HENNING e SILVA, 2018, p. 158). Para procurar responder à questão supracitada, intento partir de um mapeamento de pesquisas (auto)biográficas de docentes de Biologia e de Geografia, em um projeto de pesquisa financiado por Chamada Interna na IFES em que atuo.

No Brasil, as pesquisas (auto)biográficas se consolidaram por possibilitar a ressignificação de experiências e de marcas constitutivas de sujeitos em nível individual e coletivo (SOUZA, 2014). Focadas em reflexividades, resgates de trajetórias, atribuições de sentidos, ressignificações de experiências, novas capacidades, conquistas, aprendizagens emancipatórias, formas e reposicionamentos docentes, as pesquisas (auto)biográficas têm feito grandes promessas de contrapartidas à formação de professores. Por isso, entendo-as como material empírico privilegiado para rastrear indícios da constituição de educadores/as ambientais em narrativas de pesquisa-formação docente em Biologia e Geografia. Mas com que conceitos e procedimentos seria possível rastrear indícios da constituição de educadores/as ambientais em narrativas de pesquisa-formação docente?

### **Esboçando um modo de acessar e de problematizar o material empírico**

Considerando o objeto e a questão de pesquisa a perseguir, os procedimentos metodológicos a adotar diante dos ditos nas referidas pesquisas (auto)biográficas têm inspiração em estudos foucaultianos. Compreenderão esquadrihar as narrativas (auto)biográficas oriundas do material empírico mediante problematização das experiências de si nelas contidas. O foco de uma problematização de inspiração foucaultiana é cercar e apreender “o conjunto das práticas discursivas ou não-discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o pensamento (seja sob a forma de reflexão moral, do conhecimento científico, da análise política etc.)” (FOUCAULT, 2004, p. 242). Nesse sentido, fazer problematização é engendrar certa atitude de pesquisa. Que atitude seria essa? Uma atitude crítica diante das coisas do mundo, uma atitude crítica que reverbera nas delimitações de nossos objetos e trajetos de pesquisa e (de)formação.

Mas o que seria “crítica”, afinal? “O movimento pelo qual o sujeito se dá o direito de interrogar a verdade sobre seus efeitos de poder e o poder sobre seus discursos de verdade. Bem, então!: crítica será a arte da insubordinação voluntária, da indocilidade refletida” (FOUCAULT, 1997, p. 32). Tal crítica “não consiste em dizer que as coisas não estão bem como estão. Ela consiste em ver sobre que tipos de evidências, de familiaridades, de modos

de pensamento adquiridos e não refletidos repousam as práticas que aceitamos” (FOUCAULT, 2010, p. 356). Vê-se, portanto, que faz-se problematização ao se fazer um tipo particular de crítica: uma crítica pautada no esquadrinhamento do que é dado como banal, como autoevidente ou como aceitável, baseado em tipologias, descrições e composições de pensamentos, de certezas e de mobilizações de desejos e práticas.

Na esteira dessa discussão, outro conceito para este trabalho trata da “experiência de si”, entendida como “aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo” (LARROSA, 1999, p. 43). Entendo experiência de si como uma forma de produção de subjetividades. Na confluência entre meio ambiente e relações sociais, subjetividade é um dos “três registros fundamentais da ecologia” (GUATTARI, 2006), um operador da “perspectiva ecosófica” cujo aprofundamento constitui um desafio à práxis ecologista (REIGOTA, 1999) e focalizá-la em sua constituição nos ajudaria a ver e dizer sujeitos da EA. A problematização dessas experiências de si possibilitaria rastrear indícios da constituição de educadores/as ambientais porque dá visibilidade às posições de sujeito em jogo nas narrativas (auto)biográficas, entendidas tais posições como variáveis/funções de enunciados “que literalmente constroem o sujeito, na mesma operação em que lhe atribuem um lugar discursivo” (LARROSA, 1999, p. 66).

Toda essa atitude investigativa também passa por uma recusa a metanarrativas em EA. Metanarrativa pode ser entendida como “qualquer sistema teórico ou filosófico com pretensões de fornecer descrições ou explicações abrangentes e totalizantes do mundo ou da vida social” (SILVA, 2000, p. 78); como uma narrativa cuja eficácia retórica e vontade de dominância, pautadas em ambições grandiloquentes, pretensões universalizantes e projeções utópicas, ocultam tanto suas cumplicidades na constituição daquilo de que falam quanto seu fechamento de possibilidades de leitura. Tal recusa implica evitar situar a EA em termos ortodoxos, normativos e universalizantes, o que leva à possibilidade de reconhecer educadores/as ambientais, nas pesquisas (auto)biográficas de docentes, a partir de uma multiplicidade de posições passíveis de abrigo sob uma definição tão aberta quanto generosa de educação ambiental: EA como conjunto de práticas pedagógicas singulares que “interferem, influenciam e modificam, mesmo que por dimensões temporais limitadas, a vida cotidiana. Elas modificam as relações sociais e afetivas e também as relações com o que as pessoas consideram meio ambiente” (GODOY, GUIMARÃES e REIGOTA, 2010, p. 180).

Além da necessidade de clareza conceitual, problematizar pesquisas (auto)biográficas de docentes de Biologia e de Geografia no sentido da constituição de educadores/as ambientais traz desafios quanto às fontes orais e escritas a escolher como material empírico. No que diz respeito a possibilidades de fontes escritas, os mais amplos e detalhados levantamentos de pesquisas brasileiras, tanto em ensino de Biologia quanto em ensino de Geografia, focalizam somente teses e dissertações: de 1972 a 2006 (TEIXEIRA, 2012) e de 1972 a 2011 (TEIXEIRA e MEGID NETO, 2017) para o ensino de Biologia; de 1972 a 2000 (PINHEIRO, 2003), de 2000 a 2009 (CALLAI, CASTELLAR e CAVALCANTI, 2012) e de 2010 a 2015 (CAVALCANTI, 2016) para o ensino de Geografia. Em se tratando desse tipo de fontes, as pesquisas (auto)biográficas têm sido pouco frequentes na produção acadêmica nacional em ensino de Geografia (PORTUGAL, 2013) e em ensino de Biologia (CARVALHO, MEDEIROS e CUNHA, 2016). Em ambas as áreas, os levantamentos mais recentes (TEIXEIRA e MEGID NETO, 2017; CAVALCANTI, 2016) tendem a confirmar essa informação para dissertações e teses, mas deixam em aberto o que podemos saber, com acurácia, sobre pesquisas (auto)biográficas de docentes de Biologia e de Geografia no Brasil.

Na impossibilidade circunstancial de um mapeamento exaustivo dessa produção e no sentido de explorar e sentir a viabilidade de um estudo dessa natureza, havia decidido recorrer a pesquisas (auto)biográficas de docentes de Biologia e de Geografia publicadas em seus respectivos eventos expressivos de área – Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENE BIO) e Encontro Nacional de Ensino de Geografia (ENPEG) –, além do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA). Contudo, diante das dificuldades para acesso e manuseio dos Anais de algumas edições desses eventos, fiz um recorte exploratório, restringindo-me aos Anais das edições de 2016 e 2018 do CIPA, totalizando 18 trabalhos: 6 pesquisas (auto)biográficas de docentes de Geografia e 12 de docentes de Biologia.

### Considerações provisórias

Objetivei esboçar conceitos e procedimentos para rastrear indícios da constituição de educadores/as ambientais em narrativas de pesquisa-formação docente em Biologia e Geografia. Isso resultou em uma “leitura flutuante” do material empírico que ensejou a necessidade de discutir tanto os limites dos conceitos tomados como promissores (ou não) para uma aproximação ao objeto de estudo quanto os cuidados éticos a serem tomados para fazer os sujeitos do material empírico efetivamente participarem da pesquisa.

No plano conceitual, a leitura flutuante dos 18 trabalhos encontrados nas edições 2016 e 2018 do CIPA possibilita afirmar que a recusa do acesso a uma metanarrativa de EA como norte para rastrear a constituição de educadores/as ambientais parece-me tão promissora quanto desafiadora. Promissora, no sentido de somar-se a análises de inspiração foucaultiana, análises que “são contra a ideia de necessidades universais na existência humana. Elas mostram a arbitrariedade e qual espaço de liberdade podemos ainda desfrutar e como muitas mudanças ainda podem ser feitas” (FOUCAULT, 1988, p. 153). Desafiadora porque, ao mesmo tempo em que somente um conceito aberto e generoso de EA possibilitaria reconhecer algo de educador/a ambiental nos casos em que não há menção explícita nas narrativas, corre-se o risco de, em nome de alargar para fazer acolher indícios da constituição de educadores/as ambientais, indefinir a especificidade do que nos constituiria, fazer perder de vista nossas singularidades e esvaziar nossas práticas. Quanto ao plano ético, trata-se de uma discussão que, pela sua importância e devido aos limites de texto, desenvolverei em uma próxima oportunidade de relato da pesquisa.

### Referências

CALLAI, H.; CASTELLAR, S.; CAVALCANTI, L. Tendências da pesquisa sobre o ensino de cidade na Geografia e suas contribuições para a prática docente. In: ALMEIDA, M.; TEIXEIRA, K.; ARRAIS, T. **Metrópoles**. Goiânia: Cênone Editorial, 2012.

CARVALHO, J.; MEDEIROS, L.; CUNHA, M. M. Narrativas (auto)biográficas nas pesquisas em ensino de Biologia no Brasil. **REnBio**, v. 9, p. 631-642, 2016.

CAVALCANTI, L. Para onde estão indo as investigações sobre ensino de Geografia no Brasil? Um olhar sobre elementos da pesquisa e do lugar que ela ocupa nesse campo. **Bol. Goia. Geogr. (Online)**, v. 36, n. 3, p. 399-419, 2016.

- FOUCAULT, M. É importante pensar?. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 354-358.
- FOUCAULT, M. O cuidado com a verdade. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 240-251.
- FOUCAULT, M. What is critique?. In: FOUCAULT, M. **The politics of truth**. Los Angeles: Semiotext(e), p. 23-82, 1997.
- FOUCAULT, M. The political technology of individuals. In: MARTIN, L. H.; GUTMAN, H.; HUTTON, P. H. (Orgs.). **Technologies of the self**. Amherst: The University of Massachusetts Press, 1988, p. 145-172.
- GODOY, A.; GUIMARÃES, L. B.; REIGOTA, M. Educação ambiental: um prólogo e três episódios de (re)existência. In: BERINO, A.; SOARES, C. (Orgs.). **Educação e imagens: instituições escolares, mídias e contemporaneidade**. Petrópolis - Rio de Janeiro: DPetAlli - FAPERJ, 2010, p. 165-182.
- HENNING, P. C.; SILVA, G. R. Rastros da educação ambiental: o dissenso como potência criadora. In: HENNING, P. C.; MUTZ, A. S. C.; VIEIRA, V. T. (Orgs.). **Educações ambientais possíveis: ecos de Michel Foucault para pensar o presente**. Curitiba: Appris, 2018, p. 151-162.
- LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T. **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 35-86.
- PINHEIRO, A. C. **Trajatória da pesquisa acadêmica sobre o ensino de geografia no Brasil: 1972-2000**. 2003. 277 f. Tese (Doutorado) – UNICAMP, 2003.
- PORTUGAL, J. **“Quem é da roça é formiga!”: histórias de vida, itinerâncias formativas e profissionais de professores de Geografia de escolas rurais**. 2013. 352 f. Tese – UNEB, 2013.
- REIGOTA, M. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999. 211p.
- SILVA, T. T. **Teoria cultural e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 128p.
- SOUZA, E. C. de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação**, v. 39, n.1, p. 39-50, 2014.
- TEIXEIRA, P. **35 anos da produção acadêmica em ensino de Biologia no Brasil: catálogo analítico de dissertações e teses (1972 – 2006)**. Vitória da Conquista: EdUESB, 2012. 416 p.
- TEIXEIRA, P.; MEGID NETO, J. A produção acadêmica em ensino de Biologia no Brasil: base institucional e tendências temáticas e metodológicas. **RBPEC**, v. 17, n.2, p. 521-549, 2017.